



A Guerra Colonial no olhar de quem a viveu



Matilde Pereira
Nº026 6.ºAno Turma B

Introdução

Com este trabalho pretendi aprofundar os meus conhecimentos sobre a Guerra Colonial, através de um depoimento que registei de uma amiga da minha mãe, que me contou muitas histórias na 1ª pessoa. Durante o trabalho, tive a ajuda do meu avô, professor de História reformado, que me ensinou o que aconteceu nesses territórios e porquê. E assim, pude fazer o enquadramento da guerra.

A guerra em África

A guerra colonial foi a guerra entre Portugal e as províncias ultramarinas, principalmente Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Moçambique, entre os anos de 1961 e 1974.

Sempre houve movimentos de oposição à presença das potências coloniais nos territórios ocupados, principalmente as grandes potências dos Estados Unidos e da União Soviética.

Foi principalmente após a 2ª Grande Guerra que estas movimentações mais se acentuaram. Os movimentos nacionalistas contaram com o apoio de muitos países que propunham o fim do colonialismo e o direito dos povos à autodeterminação em proveito próprio.

A Conferência de Bandung, em 1955, vai dar voz às colónias, permitindo que elas pudessem alcançar a sua independência. Impulsionados por este clima de apoio, os movimentos de libertação defendiam claramente a independência dos territórios ocupados.

Faltava surgir uma oportunidade. Ela aparece na zona Norte de Angola, principalmente nos distritos do Zaire, Uije e Quanza-Norte.

A resposta portuguesa poderia ter sido diferente, recorrendo a um diálogo, mas foi exatamente o oposto. Foi violenta e determinada. Aliás, Salazar proferiu mesmo um discurso, onde disse claramente: “Para Angola em força, já. Portugal é uno, no Continente e nos territórios ocupados.”

A partir daí, a guerra estende-se às outras províncias: Guiné-Bissau e Moçambique.

No nosso país, nem todos partilhavam a mesma política. Houve oposição à guerra por parte do partido comunista português e também de muitos oficiais de prestígio como o General Humberto Delgado e até o próprio Spínola.

A guerra prolongou-se por treze anos e acabou com a Revolução do 25 de abril.

As consequências foram desastrosas, não só no número de mortos, mas, sobretudo, no desgaste moral, psicológico e humano.

Muitos portugueses tiveram de deixar tudo e regressar ao continente sem nada.

Como alguns dos meus familiares lutaram na guerra colonial e também o meu tio-avô esteve na guerra em Angola durante alguns anos, achei que era interessante conhecer o que se tinha passado. Infelizmente, como ele já não está vivo, lembrei-me de perguntar a uma amiga da minha mãe, que sei que nasceu e viveu em Angola durante a guerra, como tinham sido os seus dias naquele tempo.

Pedi-lhe que me contasse como tinha sido a sua infância e juventude, uma vez que só veio para Portugal depois do 25 de abril de 1974.

Aqui fica o seu depoimento:

“Recordo-me que, quando tinha quatro anos, surgiram as primeiras tentativas de ataques na cidade de Luanda, feitas por negros que apenas tinham armas catanas. Vivíamos num bairro de funcionários públicos e o meu pai, porque era escrivão da Polícia Judiciária, era o único que possuía um revólver.

Para defender a família, todas as portas e janelas estavam unidas com um fio que, no final, tinha um molho de chaves que estava na mesinha de cabeceira da cama dos meus pais. Caso alguém tentasse entrar, as chaves tinham e o meu pai tinha o revólver ao lado.

Mais tarde, mudámo-nos para outra vivenda, mas o medo era constante, pois as vivendas eram muito grandes, com jardim e quintal e havia sempre o receio de alguém se esconder e atacar à noite.

Outro facto que guardarei para sempre na minha memória foi quando chegavam os helicópteros com os tropas feridos no mato; e, como o hospital militar ficava ao lado do liceu feminino onde andava, quando algum helicóptero chegava, nós corríamos para as janelas do liceu para assistirmos a tudo o que se passava.

Apesar dos combates se terem estendido para fora de Luanda, havia sempre o medo de algum ataque surpresa e não saíamos à noite. Só os meus pais saíam e, quando isso acontecia, o meu pai pedia a um funcionário da polícia que se mantivesse à porta de casa, para nos ajudar, em caso de alguma eventualidade. E ficávamos todos, os cinco filhos, fechados num quarto.

Ainda em Luanda, com alguma frequência, mudávamos de casa, para bairros, supostamente mais “seguros”, mas a insegurança existia sempre, sobretudo quando escurecia e não nos atrevíamos a vir até ao quintal ou ao jardim. Mantínhamo-nos em casa, com as portas e janelas bem fechadas.

Lembro-me de um dia, já a viver numa dessas vivendas “seguras”, terem sido encontrados, escondidos no meio dos arbustos, duas catanas e um martelo.

Tudo isto fica “registado” na memória de qualquer criança ou adolescente.

Muitas vezes, eu brincava com os pretos, filhos dos empregados do meu pai, e, para mim, não havia distinção entre brancos e pretos. Eu fazia tudo o que eles faziam: subia às árvores para apanhar cocos, brincávamos em conjunto com os carrinhos de rolagens, partilhávamos pirolitos (rebuçados elásticos feitos de açúcar), e andava descalça, tal como eles. Eu e o meu irmão. Portanto, para nós, os confrontos entre brancos e pretos não faziam sentido. Éramos todos amigos.

Contudo, os confrontos existiam mesmo e o que mais marcou a minha família, sobretudo a minha mãe, foi quando o meu irmão foi para a “mata”, enquanto militar, lutar contra os “terroristas” (era esse o nome que era dado aos que lutavam pela liberdade do seu país e contra o governo salazarista).

O meu irmão “saiu” da guerra com traumas e, durante muitos e muitos anos, eu ouvi os seus gritos, durante a noite, que nos acordavam a todos, deixando-nos preocupados e tristes. Aquele menino, que tinha brincado com os pretos e que os considerava como iguais, tivera de lutar contra eles.

Entretanto, deu-se o 25 de abril de 1974, e vim para Portugal.

Quando viemos de Angola, fomos para Coimbra, mas os “problemas” não desapareceram.

Todos os bens materiais tinham ficado em África e chegámos, como se diz em gíria popular, com “uma mão à frente e outra atrás”. Éramos cinco filhos mais uma afilhada dos meus pais e o meu pai tinha ficado em Angola a ver o que ainda poderia trazer... mas foi tudo em vão!

A ajuda que recebemos, como todos os “retornados” (era assim que nos chamavam!!), vindos das colónias africanas veio do IARN: cobertores, leite e ovos em pó, enlatados e pouco mais.

Foram anos muito difíceis, até porque íamos para a Faculdade, e o meu pai, que era professor, ficou colocado longe de Coimbra...

Tudo isto são memórias difíceis de esquecer e deixá-las aqui registadas é uma maneira de “afastar” dores que nunca passaram!”

Este depoimento da amiga da minha mãe faz-me perceber a realidade bem dura que viveram, brancos e pretos, durante a guerra colonial. Não fazia ideia dos perigos que todos tiveram de enfrentar. Como deve ter sido difícil, para uns e outros, que até brincavam e se davam no dia a dia, terem de lutar.

Muitas famílias, de um e de outro lado, perderam familiares. Muitos jovens perderam a sua vida na guerra. Muitas mães ficaram sem filhos. O meu avô materno não chegou a ir para a guerra porque teve um problema de saúde grave e o meu avô paterno, como já tinha dois filhos, também não foi. Hoje, estou grata por isso ter acontecido, pois podia nunca ter chegado a conhecer um deles. Nem todos voltaram e isso é muito triste.

Como é possível que a guerra ainda persista? Como é possível que, agora, no século XXI, a história se repita e a guerra tenha voltado? Será que os homens não aprenderam nada com a História?

A História é o nosso passado, mas é, também, o nosso futuro!

Conclusão

Durante o trabalho, aprendi o que aconteceu nos territórios coloniais, nomeadamente Angola, antes do 25 de abril. Percebi também que a luta entre brancos e pretos foi uma luta injusta, porque Portugal podia tê-la evitado e ter dado autonomia às colónias, sem necessidade de guerra. Perderam-se muitas vidas, de um e outro lado, perderam-se muitos bens e as pessoas que regressaram tiveram que começar a vida de novo. Muitos deles tinham filhos e não tinham como os alimentar.

Este trabalho foi realizado para lembrar todos aqueles que diretamente ou indiretamente viveram esta guerra.

Bibliografia

Infopédia

Testemunhos orais